



JOSÉ
SARIBANDA
1920

Ilustração
Portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 cív.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguesas e Espanha:
Trimestre..... 2800 cív.
Semestre..... 5300 *
Ano..... 10300 *

Redacção, administração e oficinas: Rua d' 30 de Maio, 41 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

NEGOCIOS com a INGLATERRA

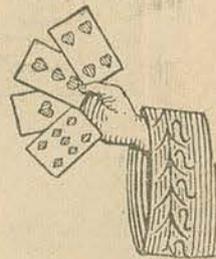
"Casa estabelecida em 1907"

- Secção de Comissões** dedicada á compra e venda de mercadorias e em geral por conta de terceiros.
- Secção de Importação** fazendo uma especialidade nos productos Portuguezes e Brasileiros de toda a especie.
- Secção de Exportação** dá preços cif. qualquer porto sem mais despesas para qualquer artigo de procedencia Britânica.
- Secção de Seguros** Coloca em condições vantajosas estes contra GREVES e TUMULTOS no Lloyd Inglês.

A. GUERRA & Cg.

38a, King William Street — LONDRES E. C. 4.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utéis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

Tosses Cura eficaz e agradável, só com os

Rebuçados de S. Paulo

Premiados em Milão (1920)

A PRIMOROSA — R. São Paulo, 130

Plissados

Executam-se pelo systema de Paris na

RUA DO AMPARO, 66, 3.º, E.

Almerinda Correia

MANICURE

TRATAMENTO das mãos, das 10 horas ás 19 horas.

Rua do Loreto, 61, sobre-loja.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIBOS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA

Todos os Medicos proclamam que

o VINHO e o XAROPE de **DESCHIENS** (PARIS) de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

Corões

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.ª D'ABEGOARIA, 50
(ao Chiado) - Telef. 3270

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, e incomparavel em vaticínios. Fê-lo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpentigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 40 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 5000, 10000 e 15000.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM
TODOS OS GENEROS Fazem-se nas officinas de
"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	350.000\$00
Obrigações.....	254.220\$00
Fundos de reserva e amor-tização.....	380.000\$00
Escudos.....	1.024.220\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria d'as fabricas do Prado, Marianaia e Sobretinha (Tomar), Penedo e Casal de Hermito (Louza) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impresso e de embrulho. Toma e executa prontamente e comendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina, continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depósitos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 270, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º tel. — Lisboa, 605, Porto, 117.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 783

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1921

20 Centavos



FRANCESCO D'ANDRADE ALS DON JUAN

A GLORIA. — Um interessante anúncio alemão, tendo como motivo o nosso Francisco d'Andrade no «D. João».

CAPA — Composição de Jorge Barradas

Cronica da Semana



UM mesmo dia da semana corrente os jornais davam a noticia de que tinham chegado a Lisboa, com destino ao Brasil, 200 emigrantes vindos das Beiras e a de que tinha entrado no Tejo o vapor «S. Jorge», trazendo 150 poveiros, procedentes do norte do Brasil.

A aproximação dos dois factos sugere, naturalmente, considerações de ordem diversa e, ao faze-las, ninguém pode deixar de sentir o coração dolorosamente confrangido pelo triste espectáculo d'um grupo de homens julgando escapar á miseria, na miragem do bem-estar, e d'outro, de desiludidos, e arrependidos de terem efectuado a tentativa que seduz os primeiros. Não é de crer que algum dos individuos desembarcados tenha falado com os que vinham embarcar; se tal encontro se desse

é muito provavel que os pobres beirões voltassem aos lares e preferissem a pobreza entre os seus a uma problematica mediania entre estranhos, porque por mais esforços que as pessoas de boa vontade empreguem em desfazer os mal-entendidos que tem obrigado os poveiros a repatriar-se, se de mal-entendidos se trata, a verdade impõe-se e não foi, decerto, por insignificancias que familias inteiras abandonaram interesses criados em longos anos de canceiras.

«Entre estranhos» dissémos, sem desprimor para aqueles que sempre considerámos e continuamos a considerar como irmãos; já assim não poderemos denominar os portuguezes estabelecidos nas colonias, nas de Africa, por exemplo, e ali nunca os emigrantes da metropole sofreriam revés semelhante ao que sofreram os poveiros. Pois se na costa occidental ou na oriental encontrarão riquezas inexploradas, farto campo para todas as actividades, climas que já hoje não são para temer, porque não se encaimham para ella os que na mãe patria se julgam insufficientemente aproveitados? E' raro o colono portuguez, de visita á metropole, que não conte maravilhas do logar onde se fixou e que para lá não regressasse satisfeito; agora, que rasgadas medidas de fomento vão ser postas em pratica, que uma exploração intelligente e firme vai substituir de vez a aventura incerta, aquellos optimistas deixarão de ser considerados como excepções e já não haverá motivo algum para que vamos buscar na casa alheia o que temos na nossa—e a nossa casa tudo tem e n'ella tudo podemos adquirir—trabalhando, é claro.

E a proposito, sabe-se que é intenção do sr. general Norton de Matos, alto commissario de Angola, apresentar em breve n'uma sessão da Camara dos Deputados um projecto de lei pelo qual o poder executivo é autorisado a contrair um emprestimo de 50:000 contos em ouro, para o fomento d'aquella provincia, para o qual já tem em seu poder varias propostas.

D'esta vez é de supôr que os patriotas não terão largas dispensações, como de costume quando se trata de emprestimos, mais para que os não julguem desperdiçados do que pelo facto em si, visto que não serão eles

que terão de pagar. Perdem, bem se sabe, um excellente ensejo de dar vazão ás torrentes de oratoria que tais assuntos fazem derramar, mas a galeria não carece de novas provas para os julgar eloquentissimos; de mais, como a formula da retorica parlamentar é invariavel e serve para todos os casos, as occasiões não faltam e assim os discursos agora reprimidos poderão irromper a proposito da demissão d'um regedor, da inauguração d'uma estatuea, da mudança do nome d'uma rua ou d'outro qualquer incidente de igual importancia, não havendo, pois, receio de congestões por entupimento.

Se d'esta vez se conservarem silenciosos, é sacrificio muito para agradecer.

CHEGARAM as andorinhas; a respectiva noticia não figurou nos «Ecos mundanos» dos jornais, nem teve as honras de longos comentarios e da cuidada pormenorisação da reportagem; appareceu em duas linhas, no fundo d'uma columna, revelando-nos que as nossas gentis amiguinhas chegaram no dia 13 ao beiral do telhado da escola parochial n.º 31, ao Lumiar.

Escolheram bem, para primeira visita; os poetas não deixarão de lhes associar o canto ao chilrear dos escolares, de bordar glosas á innocencia das aves e das criancas e de trazer, como sempre, á baila os ninhos juntamente com os berços. Nós saudamo-las em prosa e alegremente, invejando-as pela sua innocencia e pela habilidade com que a natureza as dotou, de prepararem casa de graça, sem pagamento de trespasses nem qualquer outra pouca vergonha a que os entes civilisados estão sujeitos. Uma tarde d'estas iremos ao Lumiar apresentar-lhes pessoalmente os nossos cumprimentos.

HA oito dias que não recebemos nenhum livro de poesias, o que celebramos com estranheza e não podemos attribuir senão ao aparecimento dos «Namorados», da sr.ª D. Virginia Vitorino. Enquanto vibrarem as harmonias d'aquelles deliciosos versos, que outros, na verdade, poderão fazer-se ouvir?

Transcrevemos mais um soneto da insigne poetisa, certos de que o leitor nos agradecerá a insistencia:

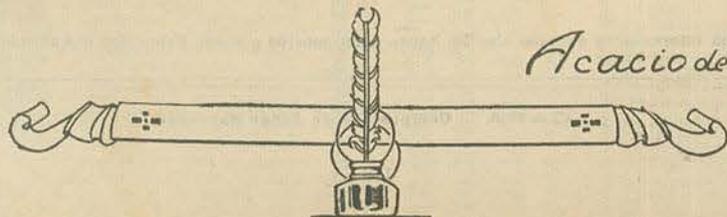
Os cravos

Os cravos que me dáis todos os dias
São sempre iguaes. Têm sempre a mesma cor.
Cravo encarnado quer dizer «amôr»;
Amôr correspondido. Já sabias?

Mas entre eles ha um, sempre maior,
De folhas mais compridas, mais esgúias;
Que quer dizer? E' beijo que envias?
E' ternura? Não sei. Seja o que fór.

Gosto d'ele. E' bonito. E' faiscante,
Dizem que dar um cravo é ser constante,
Ha quem diga tambem que são agravos...

Por mim, nem mesmo sei — vê tu que loucal —
Se ao ver os cravos cismo n'essa boca,
Se ao ver-te a boca cismo n'esses cravos!



OS GRANDES MORTOS

Francisco de Andrade

FRANCISCO D'ANDRADE, o grande artista lírico português o barítono ilustre, faleceu ultimamente em Charlottenburgo (Alemanha), onde ha muito residia. Natural de Lisboa, debutou em 1882 na «Aida».

De então para cá, até onde cantou, a série dos seus triunfos foi inumeravel. Levado em triunfo a casa, bilhetes exgotados para as recitas em que cantava, contratos a preços formidaveis, críticas e com iasticas e aplausos até ao delirio tudo ele conheceu.

Um dia, os jornais ingleses, após um dos seus mais desmarcados triunfos, chamaram-lhe russo. Logo e le se apressou a dizer-se português.

veitaram a sua figura popular. Foi o artista querido da Russia e da Holanda e até em Lisboa, no tempo em que S. Carlos era terrivel, ele foi menino prodigio. E é tão difficil ser profeta na sua terra!

Francisco d'Andrade era não só um cantor de notaveis recursos, mas tambem um actor extraordinario que arrebatava as plateias pouco costumadas a verem reunir n'um só personagem o cantor e o actor, o artista lírico e o personagem teatral.

Francisco d'Andrade conheceu a gloria e soube sentir todas as amplas e divinatorias sensações da Arte. Foi tambem um grande e extraordinario



Francisco d'Andrade, debutante na «Aida».

Cantou em San Remo, em Roma, em Parma e Padua, cantou em Milão, em Vienna d'Anstria, em Moscow, Londres, Turim, Barcelona e em S. Carlos.

Francisco d'Andrade foi o artista querido da Alemanha, onde o seu successo foi tão grande que até para reclamos e cartazes apro-



Francisco d'Andrade, «no D. João»

português, que honrou sempre e sempre levou em triunfo o nome da sua patria.

O seu funeral, ao que dizem as noticias dos jornais, foi uma grande e sentida manifestação de pesar.

Pais onde a arte tem logar primacial, a Alemanha deu-lhe as suas mais sentidas homenagens (deixando a sua



Francisco d'Andrade em 1907.



Uma velha pagina da
*Ilustração Portu-
gueza.*

morte sincera ma-
gusa em todos.

Francisco de An-
drade não era o que
se chama um velho,
todavia como não
seriam curiosas as
suas memorias se
ele pensasse em as
escrever. O que de
celebridades nelas
passariam, quantos
casos interessantes
de viagens, quantas
maravilhas de pito-
resco e anedoctico?

Era grande o re-
portorio de Fran-
cisco de Andrade.
Ele cantou, que nos
lembre, a «Africa-
na», o «Casamento
do Figaro», o «Ro-
berto do Diabo», a
«Favorita», «Ham-
let», a «Giocon-
da», a «Sonambula»,
«Barbeiro de Sevil-
ha», «Carmen»,
«Machbeth», «D.
Carlos», «Mignon»,



«Sapho», «Nabuco-
donosor», «Marta»,
«Mefistofeles»,
«Profeta», «D.
Branca», «Ruy Blas»,
«Vesperas Sicilianas»,
«Força do Destino»,
«Simão Bocanegra»,
«Baile de Mascaras»,
«Lucrecia Borgia»,
«Maria de Rohan»,
«Lithuani», «Promessi
Sposi», «Palhaços»,
«Lohengrin», «Mes-
tres cantores», «Tan-
nhauser», «Walki-
rias», «Hans Her-
ling», «Aida»,
«Fausto», «Lucia
de Lamermoor»,
«Trovador», «Gui-
lherme Tell», «Er-
nani», «Puritanos»,
«Rigoletto», «Tra-
vista», «Rei Man-
fredo», «Dinorah»,
«Linda de Chamounix»
e «Huguenotes», sendo a sua

Francisco d'Andrade no 1.º, no 2.º e no úl-
timo acto do «D. João». — 4. Francisco de
Andrade, na «Serenata de D. João».

corça de gloria o «D. João».

Francisco de Andrade era filho do habil juriscônsulto, sr. dr. José Justino de Andrade e Silva e tem vivo seu irmão, o illustre artista lirico Antonio de Andrade a quem enviamos os nossos peza- mes.



liricas. Alternativamente meigo e terrivel, sempre patetico, fez valer tudo quanto este papel reúne de belo e de sublime.

Não exagerando fisicamente o lado grotesco deu ao pobre bobo do rei a verdadeira fisionomia.

Foi tambem o



Na sala de musica. (Ao fundo a esplendida tela de Slevogt «Andrade no ultimo acto de «D. João».

2. Jogando o bilhar.—3. Madame Andrade e Francisco d'Andrade.—4. Francisco de Andrade chauffeur.



Os primeiros mestres de Francisco de Andrade foram José Romano e dr. Luis da Costa, em declamação, e Joaquim Casimiro, Carreira e Pontechi, em musica. Depois, em Italia, foi discipulo do baritono e afamado professor Ronconi. Em Milão, quando cantou o «Rigoletto», o que fez doze noites seguidas, o entusiasmo que causou foi tanto, que o dr. Filippi, conceituado critico e autoridade musical do meio, escreveu a seu respeito o seguinte: «Reproduziu o personagem com um talento de comediante, que não estamos acostumados a encontrar nas scenas



grande artista português o creador da opera «O rei Manfredo» e frequentemente os jornais ingleses de grande renome como o «Standard», o «Daily News», «Daily Telegraph» e outros, lhe consagraram os seus melhores elogios.

A leitura do «Seculo».

6. Francisco d'Andrade e Hermeno Neves jogando. Um lance difficil.

Em resumo, foi um grande português que Portugal perdeu, foi um grande artista que desapareceu da arte sublime da musica.

Todavia, quer entre portugueses, quer entre musicos, eternamente o seu nome vive e perdurará.





Um casal na Serra da Guardunha (Fundão), (Cliché de F. Pinharanda)

ECOS DO CARNAVAL

As festas na Liga Naval.
Uma graciosa mascara.



Três lindas caras.



Uma graciosa mascara. Elsa-Maria, gentil filhinha do distinto advogado sr. dr. Gomes Moura.



Alguns grupos de lindas crianças tirados nas festas carnavalescas nos salões da Liga Naval.

FIGURAS — E — FACTOS



Aspecto da assistencia ao casamento do dr. Nobrega Quental. Entre ella vêm-se alguns vultos em destaque na politica, como o dr. Julio Martins, Antonio Maria da Silva, Afonso Pala, etc.

1. A Ex.^{ma} Sr.^a D. Perpetua Guimarães Pala, com quem o deputado da nação e governador do Quanza-Sul, sr. dr. Luis de Ornelas Nobrega, acaba de se consorciar. — 3. As praças do regimento de cavalaria 7 fazendo exercicio de ginastica sueca. — 4. O Sr. Ministro da Guerra e varios officiaes na sede do Centro do Triangulo Vermelho Português.



Festa militar

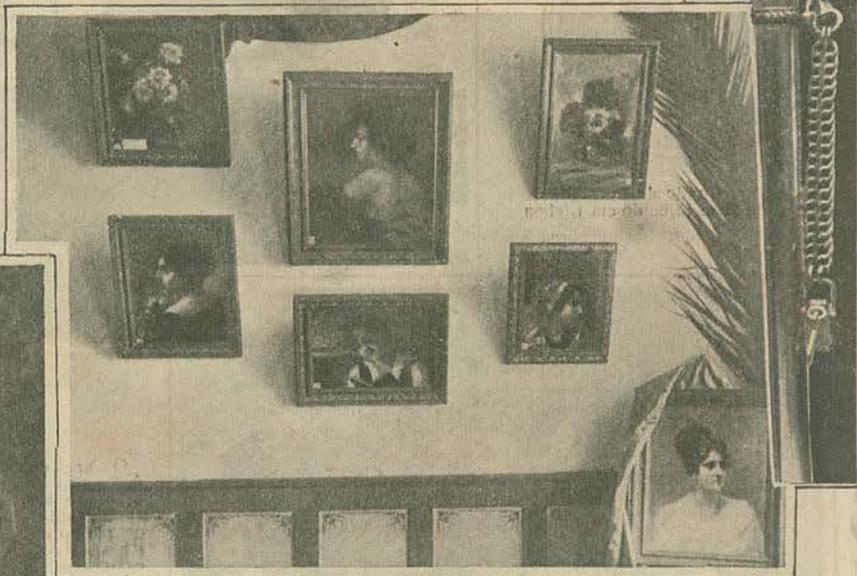
No quartel de cavalaria 2 inaugurou-se o primeiro centro militar do Triangulo Vermelho Português. Houve sessão solene, em que falaram, entre outros, os Srs. Ministro da Guerra, Comandante da Divisão e o representante da Comissão Internacional de New-York, findo o que as praças de cavalaria 7 executaram um vistoso e apreciado numero de ginastica sueca. A guarda republicana abrlhantou a cerimonia.

EXPOSIÇÕES D'ARTE. ≡ ≡ A EXPOSIÇÃO VARELA ALDEMIRA



Grupo tirado no salão **Bobone**, onde se realiza a exposição e onde se vê o expositor, o sr. ministro de Hespanha e varios convidados.

A vida artistica da semana teve, além da exposição Varela Aldemira e da espada de honra ao tenente sr. Teofilo Duarte, a exposição



4. A espada oferecida ao sr. Teofilo Duarte, por subscrição publica dos jornais «A Situação» e «A Vanguarda».

«Recordando» — Um aspecto da exposição de pintura de D. Eduarda Lapa de Sousa Caldeira, em Coimbra, onde acaba de constituir um completo e resoante sucesso. (Clichés Milton).



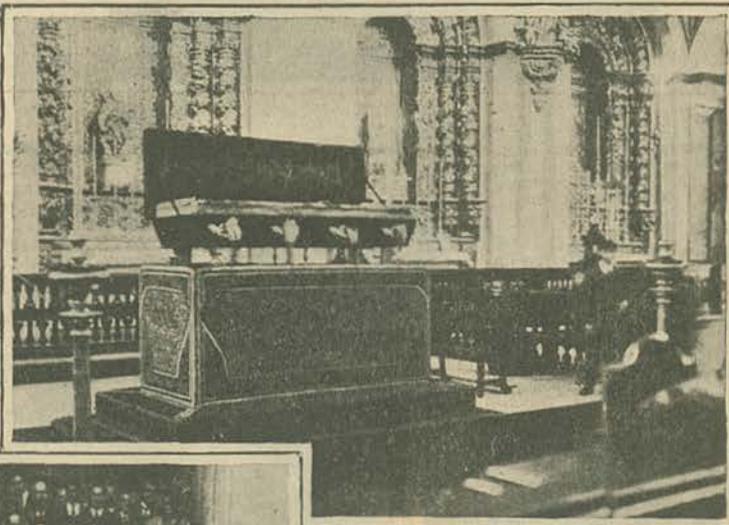
da sr.^a D. Eduarda Lapa de Sousa Caldeira, em Coimbra, e o jantar de homenagem ao escritor sr. Aquilino Ribeiro, colaborador da «Ilustração Portuguesa» e autor de alguns notáveis trabalhos de prosa portuguesa. Foi notável o êxito da exposição da sr.^a D. Eduarda Caldeira. Compunha-se de 47 trabalhos—pastel, óleo e desenho—e referindo-se-lhe, Antonio Arroio diz que D. Eduarda «desenha e desenha muito». É grato referirmo-nos assim ao alvorecer de um formosíssimo talento de artista, que o Futuro se encarregará de tornar frondoso e interessante.

Grupo tirado após o jantar de homenagem ao escritor sr. Aquilino Ribeiro. Nele se veem, além do homenageado, os srs. dr. Augusto Gil, dr. Julio Dantas e Jaime Cortezão, sentados; dr. Carlos Babo, Raul Proença, dr. Ferreira de Macedo e Gualdino Gomes, em pé.

Os Mortos



O Sr. Conde de Verride recentemente falecido em Lisboa



5. Funerais do Conde de Verride. A eça armada na igreja de Santa Catarina. — A assistência no funeral.

O sr. dr. Admar Ferreira de Miranda, clínico muito conhecido e estimado e afortunadamente falecido nesta capital.



seguro e a solidariedade humana

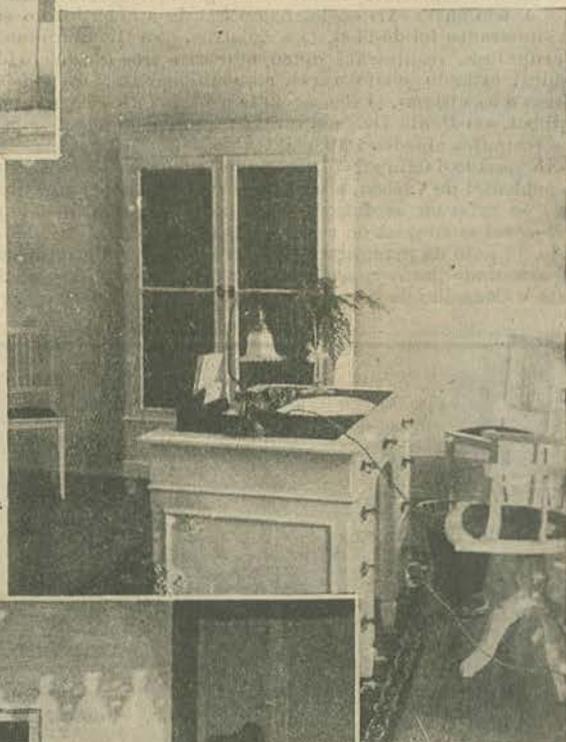


A fachada do Posto de Socorros do Consorcio Geral de Seguros.

NA epoca dignificadora dos sentimentos de solidariedade humana que marca o principio do seculo decorrente resalta nobremente, como uma plena realizacão do livro de Ouro da humanidade, a instituicão do seguro social.

O sonho de dignidade fraternal que palpitou nos estados e nos ancelos dos primeiros tratadistas do assunto floresce já em todo o mundo como um facto bemdito, contribuindo para a proscricão do brocardo que teima lóbregamente em arrebatar dos nossos instinto o

instinto maximo dessa fraternidade. O seguro social, modalidade do seguro de vida, rasga da mōnita torva do pessimismo do homem a folha em que ele escreven a negro as palavras *homo, homini lupi*. E as sociedades caminham num desejo de protecção mutua que se vae convertendo em leis de humanitarismo proficuo. Portugal deu, sob a Republica, esse passo e vae-o firmando em avanças magnificos. As legislaçōes sobre seguros contra accidentes de trabalho e de responsabilidade civil vão tendo uma correspondente efectivaçã que nos engrandece e que nos honra.



O gabinete medico, no Posto de Socorros.

No Jardim, em que se está construido o pavilhão de enfermaria; A assistencia, entre a qual se vēm os srs.: Ribeiro de Sousa, João Manuel Valente, Matos Rodrigues, Costa Santos e drs. Craveiro Lopes, Mendes Lage e João Luis Ricardo.



O Consorcio Geral de Seguros é uma entidade que brilhantemente

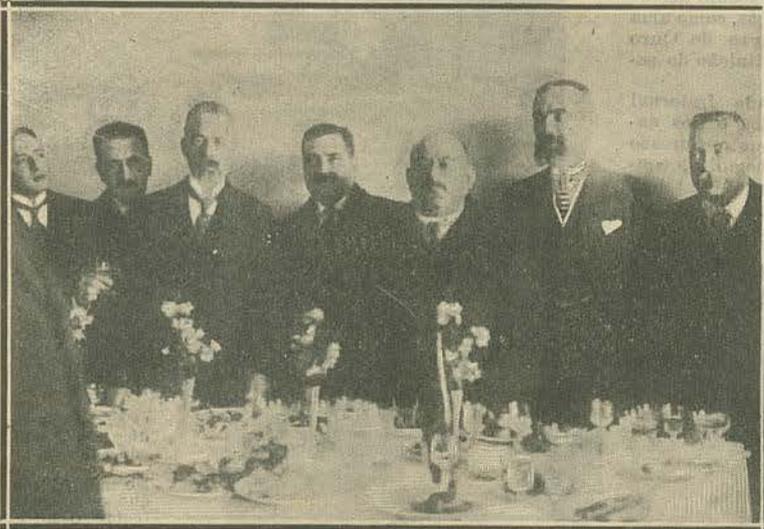
te o prova. Iniciada ha um ano pela Sociedade Internacional de Representações e Corretagens L.^{da}, com sede na Rua Ivens 49, 2.^o all tem a sua instalação perfeita, com uma organização directiva honrada pelos nomes dos srs. Ribeiro de Sousa, distincto tecnico de seguros; dr. Antonio Mendes Lage, illustre actuário; dr. Paulo Cancela de Abreu, que proficientemente desempenha o contencioso. Os seus serviços clinicos são dirigidos pelo notavel medico que é o sr. dr. Craveiro Lopes, coadjuvado pelos srs. drs. José Craveiro Lopes, Gabor Patkóczy e João Jorge.

O Consorcio Geral de Seguros que é a federação das Companhias «A Paz», «Latina», «Mindelo», «O Alentejo», «União Resseguradora», «A Ultramarina», «A Colonial», «Lis» e «Oriental», para o exercicio dos ramos de accidentes de trabalho e responsabilidade civil oferece, pela constituição modelar em que vigora, as garantias mais fortes do progresso da mutualidade social no nosso país. Do seu movimento segurador respigam-se já factos relevantes em atenção á sua curta existencia. Até o fim do ano extinto o seu numero de sinistrados foi de 1406. Dos sinistros, que tiveram uma assistencia esculpida, resultaram cinco mortos e três incapacidades permanentes, estando sendo pagas, respectivamente, as pensões aos herdeiros e ás vítimas. O Consorcio tem postos de socorros no Porto, em Setubal, em Ponta Delgada e está tratando da montagem de outros nas restantes cidades importantes do país.

No passado domingo, 13, d'este mês, inaugurou-se o seu posto da zona occidental de Lisboa, situado na Avenida Almirante Reis, 109, ao qual se referem as fotografias, que damos aqui á estampa. É uma impecavel montagem de cirurgia, cheia de hygiene e de meticulosidade. O acto da inauguração decorren com uma grandiosa solenidade, assistindo-lhe a representação oficial do Instituto de Seguros Sociais e Conselho de Seguros. A gerencia do Consorcio, representada



O enfermeiro Luis E. Rocha, junto da «marquesa».



Um trecho da assistencia ao «copo d'agua» inaugural.

pelos srs. Ribeiro de Sousa, Balga e Serra e José Manoel Valente, viu nesse momento como a sua missão era digna de todos as homenagens. Os operarios e empregados e os transeuntes sinistrados terão ali um socorro e um tratamento clinico insuplantaveis—foi esta a impressão de todos os assistentes.

O Consorcio Geral de Seguros vae daqui a dois meses inaugurar o posto da zona oriental, cujas obras de instalação na Rua do Livramento, a Alcantara, 64, vão já muito adeantadas.



A. D. MARQUES
 Rua do Ouro, 200, 4.^o **LISBOA**
 Importador directo da Alemanha de
 Esporas, cutelarias, ferramentas, artigos religiosos, bijouterias e novidades

PELAS PROVINCIAS

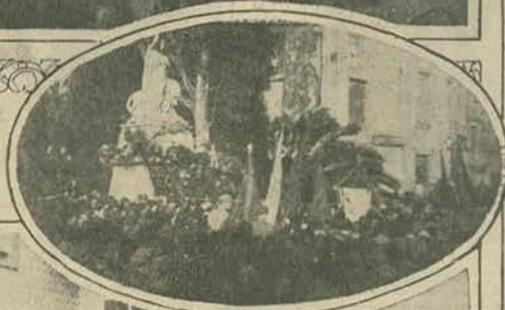


A «festa da flor» em Oliveira d'Azemeis, a favor das internadas do Asilo da Infância Desvalida. Um grupo de senhoras que to marcam parte na festa. (Foto Paul do Oliveira de Azemeis). — 2. O magnifico edificio que os bombeiros voluntarios de Vila Real tem em construção para instalação dos seus serviços. (Cliché de Miguel Monteiro). — 3. Em Vila Real. Os bombeiros rea-



Usando a sua revista de material a que assistiu o sr. Simão Machado. (Cliché de Miguel Monteiro). — 4. A visita do Sr. Ministro da Guerra, Alvaro de Castro, á Povoação do Varzim. O Sr. Ministro e secretários, governador civil do Porto e a d'mia istrador do concelho á saída da Câmara Municipal. (Cliché de João Lopes Pereira.) — 5. No Porto.

Comemorando o 31 de janeiro. Manifestação no cemitério. (Foto André Moura). — 6. A comemoração do 31 de Janeiro. Festa militar. Grupo tirado a quando da imposição da Torre Espada e outras condecorações. (Foto André Moura.)



Pelos Teatros

A fantasia regional

Porto, tantos de tal...

Original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, no Teatro Nacional, do Porto.



HA dois meses já que, no teatro Nacional, do Porto, se representa, com um exito invulgar, pela Companhia Ruas, a ultima produção dos illustres escritôres Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa,—os festejados autôres dos dois grandes sucessos lisboetas, «Miss Diabo» e «Chá e Torradas»,—a fantasia regional, «Porto, tantos de tal», musicada pelos «maestros» Bernardo Ferreira e Fernando Athos.

A Empresa Ruas, Gomes, L.^{da} montou a peça com o maximo esplendor, sendo os scenarios dos reputados artistas Luís Salvador, Viegas, Renda, Serra e Amancio, Reis Filho, Del Barco e Rebelo Junior e o guarda-roupa, luxuosissimo, do habil «costumier» Jaime Valverde, tendo encenado a peça o inteligente ensaiador Jaime Silva.



A Fianadeira, por Justina de Magalhães.

1. Luis Ruas (empresario).

2. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa (autores)



3. O Policia da Regua (Alfredo Ruas).



5. Justica de Fafe. (Alfredo Ruas).



4. Feira de S. Miguel, por Alfredo Ruas.



6. O Tripeiro (compere), por Soares Correis.



7. A Vendeira de morangos, por Alda Teixeira.

LISBOA PROGRESSIVA

❧ O NOVO "HOTEL DE L'EUROPE" ❧

H problema do alojamento transitorio, que é o que interessa do movimento das metropoles, vem complicando a questão do turismo no nosso país. A capital, por exemplo, tinha carencia de hotéis, trasbordando sempre todos os que aí existiam.

Ora, Lisboa tem o dever de prestar um integro acolhimento ao forasteiro nacional ou estrangeiro para que se não diga que uma cidade tão grande de maravilha natural e tão propicia ao aliandamento e ao gozo de um clima doce não corresponde á sua missão de metropolitismo moderno. As condições favoraveis do cumprimento desse dever vão surgindo. E, a proposito, queremos aqui registrar o dote novo que a cidade recebem, em tal sentido. Referimo-nos ao «Hotel de l'Europe», que se inaugurou em 6 deste mês e que ocupa quasi todo o enorme predio com fachadas



Fachada do hotel

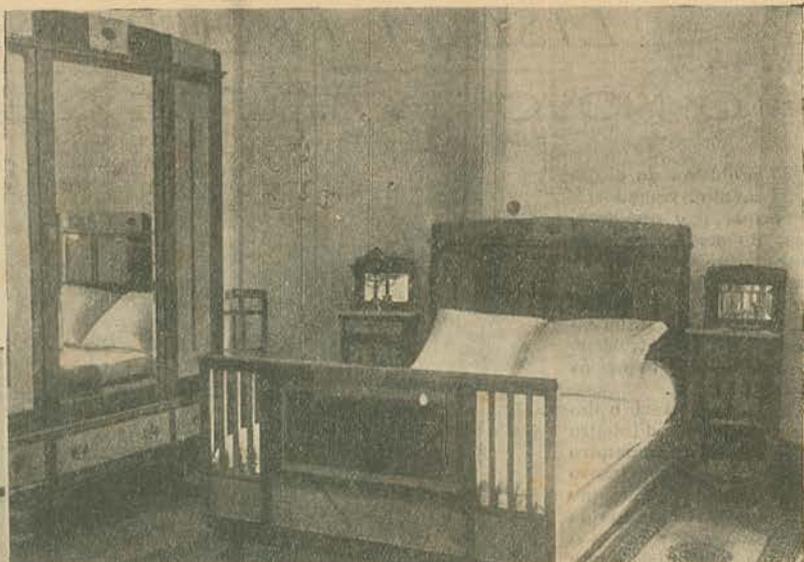
para a praça do Camões, Rua do Alecrim e Rua das Flores. A sua instalação, orientada mais por um principio de modernissimo conforto do que pela idea vã do luxo, honra a mais categorisada industria hoteleira e deve-se á gerencia directa do seu proprietario, o sr. Alexandre de Almeida, a quem tambem pertencem o Palace Hotel do Bussaco, o Hotel Metropole e o Francfort Hotel. O melhor fôro de supremacia do novo hotel documenta-se nisto: A vistoria que lhe passaram as entidades officiais consagraram-o como estabelecimento modelar de primeira classe, sem que lhe ordenasse a mais ligeira modificação. Assim o declararam o Conselho de Seguros e a Sociedade de Propaganda de Portugal, que se orgulharam em emitir tão honrosa classificação. Com effeito, o criterio intelligente e a perfeita pratica do sr. Alexandre de Al-



A sala de jantar, que comporta 200 comensais

neida no seu genero industrial produziram uma obra que nos desvanee bem no nosso amor á cidade e ao nosso nome de portuguezes.

O afinamento das comodidades, da hygiene e do ambiente artistico no Hotel de l'Europe foi uma



Um quarto.

ali está uma inapreciavel mansão de afago e de caricioso bem estar.

E não foi preciso recorrer ao estrangeiro. O mobiliario foi executado magnificamente nos Grande Armazens Nascimento, do Porto, e representa um primor padronal do seu genero.

As instalações de aquecimento, agua e electricidade foram feitas pela importantissima casa Julio Gomes Ferreira & C.^a, e a direcção foi exclusiva do sr. Alexandre de Almeida, que, cometendo os serviços varios do hotel só a tecnicos e a especializados, embora sempre sob a sua gerencia, guinda-o ao lugar eminente que tem de exercer no progresso citadino e no desenvolvimento turistico do pais.



O escritorio dos hospedes.

tafeza realisada com um cuidado e uma distincção invulgares. Basta percorrer os seus 80 quartos amplos, guarnecidos de uma mobilia de carvalho do norte, elegantissimo modelo inglés; a sala de jantar, galeria harmoniosa e vasta, em que ressaltava uma baixela unica de valor e de gosto; a sala de visitas, encantadora de «decor» confortavel e brando; as 20 casas de banho, irrepreensiveis de montagem hodierna; o gentilissimo escritorio privativo dos hospedes, ricamente guarnecido a mogno; basta olhar aquele conjunto de amplidão, de bom tom e de ar suave para se concluir que



A sala de visitas.

O Seculo Comico

REVISTA HUMORISTICA DO

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Paladar estragado



O frégues:
— Já não tomo d'essa caldeirada!



PALESTRA AMENA

Amor com amor se paga

A's avessas

Não lhes damos novidade nenhuma se lhes dissermos que os homens, como muitas outras coisas da Natureza, apesar do consagrado logar comum da harmonia da sobriedade, estão fóra do seu lugar, isto é, sempre ou quasi sempre praticam actos, seguem profissões, etc. contrarias ao que era de esperar das respectivas indoles.

Não insistimos n'esta verdade, quanto ás outras manifestações das forças naturaes: é sabido, por exemplo, que o mar não precisava de ser tão salgado como é, porque o peixe fresco necessita de pouco sal; que uma planta pequena, como a aboboreira, parece mal que dê frutos tamanhos, ao passo que um enorme carvalho dá minuscultas bolotas; que a lua dá um brilho mais fraco do que o sol, visto que de noite é muito mais necessaria a luz do que de dia; etc, etc.

Agora, quanto aos homens, temos aqui um exemplo á mão de semear: então o dr. Samuel Maia, que acaba de dar á luz mais uma obra literaria de grande valor, «Entre a vida e a morte» (por sinal que ainda nos não offereceu um exemplar) nasceu para literato e é... medico?

O que tem graça no dito dr. Samuel é que os seus livros são, em geral, uma «charge» contra a medicina; não a condena, está claro, mas não raras vezes aponta-lhe os ridiculos, faz sorrir o leitor á custa d'ela e faz descrentes, porque, enfim, é um profissional que fala — e assim mais prova que está do avesso.

E se passarmos em revista os nossos literatos, quantos não encontraremos com muito mais jeito para as tisanas do que para as letras? Não queremos apontar ninguém, mas estão-nos saltando nomes nos bicos da pena... Vamos a outra profissão: quanto politicos conhecem os senhores que nascessem realmente para a politica? D'um todos nós sabemos que é um excelente guitarrista, d'outro que é um belo chefe de policia, d'outro um rico matematico, outro...

Actores: quantos conhecem que tenham verdadeira vocação para a cêna? Também não citamos nomes, mas toda a gente sabe que pisam o palco um zeloso fiscal dos impostos, um bom funcionario das bibliotecas, um dentista exitoso...

Se lhes dissermos que o nosso barbeiro, durante a meia hora que leva a reparar-nos a cara e nos criva de navalhadas não cessa de discursar sobre politica nacional e internacional, tirando conclusões sensas e sensatas, mostrando profundo conhecimento do assunto e uma lucidez extraco dinaria quanto á sciencia de dirigir os homens, ficarão convencidos de que este barbeiro é tão mau barbeiro como bom politico e que melhor sobraçaria uma pasta do que empunha a navalha com que nos retalha as faces.

... Ora, se depois do que fica exposto, o sr. Presidente da Republica teimar em consultar politicos para resolver a crise provocada pela demissão do ministerio Liberato Pinto em vez de consultar quem da politica não faz emprego, é porque decididamente é um presidente ás avessas, no que não acreditamos, porque ele proprio é um exemplo de que aventamos. Todos sabem que o illustre chefe do Estado é tambem medico...

J. Neutral.

Portugal agricola

Uns dizem que o futuro de Portugal está no mar, outros que em terra o parece que as duas opiniões são aceitaveis: Por enquanto prevalecem os que toem a seguida, que esperam salvar a patria fomentando a agricultura, não já por generos proprios do nosso solo, como seria natural todos sabem que a patria anda sempre ligada ás batatas, mas por cultura exotica.

Agora aparece um grupo para tentar aqui a cultura... sabem de quê? Do chá. Estão-se a vêr as vantagens: primeira, o chá é um genero de primeira necessidade, para quem tem dores de estomago; segunda, estamos atravessando um periodo de evidente má-criação e o chá é uma especie de manual de civili-



dade, que se toma em pequenas; terceira, os portuguezes são os chinezes por uma pena, faltando-lhes apenas o rabicho para se completar a igualdade.

A proposito, eis o que o nosso velho e impagavel Marques dizia ha pouco, n'uma roda d'amigos:

— Acho excellentemente que se plante o chá entre nós, mas somos sempre incompletos...

— Incompletos, como?

— Pois que é o chá sem torradas?

— Effectivamente...

— Logo, quem planta chá...

— Ha-de tambem plantar torradas?!

— Não, porque para isso cá temos o trigo, mas podiam plantar arvores d'onde se extraísse a manteiga...

A Secção de Vinhos da Associação Commercial de Lisboa formulou um voto no sentido de fazer chegar ao governo uma representação reclamando contra a importação dos artigos de procedencia franceza, como forma de responder ao tratamento que Portugal está recebendo de França.

Por aí é que é o caminho. Os senhores conhecem a lei d'um celebre maduro chamado Malthus, pois não conhecem? Dizia ele que as subsistencias cresciam n'uma progressão aritmetica



paralelamente a uma progressão geometrica, representando o aumento da população.

Está-se a ver que enquanto as progressões não forem muito além dos primeiros termos, a coisa correá menos mal; mas em termos adiantados as subsistencias não chegam senão para uma parte diminuta da população, pelo que o resto morre á fome.

Ora, restringindo ou proibindo as importações francezas, não são só os artigos de moda e outras imoralidades que deixam de entrar em Portugal—o que já não seria para desprezar; serão tambem as crianças, que não passarão a fronteira, logo a população não aumentará e as subsistencias irão chegando. «tant bien que mal...»

... O' diabo! lá importámos uma frasse franceza. Desculpem.

DE FÓRA

Capricho

A' sempre joven Bêbé

Cuidavam ser requinte e garridice O grande horror que tinha a cara. Não era. E, d'uma vez até igne me disse — Mimoso... Tarefa boa, que lh'a dêra!

Julgava um cachorrinho horrivel fera. Por mais que lhe incupas em a tolice. E por mais que ela transigr quizesa. Não via algum que logo não fugisse!

Um dia... (O caso até parece mito)! Por subtil, repentina inspiração, Refugei andaz o seu olhar bem do to,

Descalc a luva da formosa mão. Benignamente afaga um vil capito, é toda a gente inve, á o relzão!

Zé da Alfaca.

**Logares selectos****Mecenas**

Aquilo é Mecenas,
 Não é editor;
 E' dar-lhe um autor
 Bons originaes,
 Que os seus capitais
 Estão sempre prontos!
 Resmungam apenas
 Uns mans e uns tontos,
 Que fica senhor
 Da obra que edita
 E o pobre escritor
 Devidendo-lhe uns contos...
 Por certos descontos
 Em que ele o debita.
 Eu, sete e quinhentos...
 Por minha desdita!
 Mas coisa inaudita
 Que nunca se fez
 E já se não faz!
 Ninguém acredita:
 Perdoem-me três!
 —Três contos, não centos!—
 Tem bons sentimentos!
 E' homem capaz!

Sêr-lhe-ei sempre grato!
 E só o que sinto
 E' ter sido um pato...
 E não ser um Pinto!

De João de Deus

Exploração

Mais feminitas do que nós nos presamos de ser, não cremos que haja, mas d'aí a explicarmos como resultado da nossa propaganda o predomínio que a mulher está exercendo em Portugal,



a contento dos homens, vai um abismo, que a nossa modestia nos não deixa transpôr.

Sabem quantas mulheres estão ao serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes? Quatrocentas, quer nas estações, quer nos escritórios. E sabem quais as idades d'essas cachopinhas? Variam entre os dezoito e os vinte e cinco anos.

Agora, a explicação. Traton-se d'aumentar as tarifas ferro-viaias, até ás

**EM FOCO****Wagner**

Oavi o Parsifal. E' bem bonito.
 E digo mais, sem medo de censura:
 Excede o Balan é da neve pura,
 A Rosa enxota o pinto, o Pirolito!

Senti-me transportado ao infinito
 Ouvindo executar-lhe a partitura
 E ainda agora vou a meia altura,
 Alheio, desvairado, doído, aflito...

Que pena não nos termos conhecido,
 Destinos tão longinquos e diversos
 O Wagner e mais eu havemos tido!

Fossem da mesma patria os nossos berços
 Como ele ficaria envaidecido
 Se eu lhe deixasse musicar meus versos!

BELMIRO.

quantias inverosímeis que todos conhecem, e logo que tal se annuncia o publico repontou, indignadamente. Ora, os funcionarios da Companhia reclamavam aumento de vencimentos; as receitas não davam para tanto... De que se ha-de lembrar a administração? Raciocinou:

— Se puzermos aos «guichets» raparigas com um bom palminho de cara, qual é o passageiro que se nega a pagar pelo bilhet. pessoal ou pelo transporte de bagagens aquilo que ella pedir?

Dito e feito e o resultado foi além de toda a expectativa.

Ha menino que está horas ao «guichet» a pedir bilhetes para todas as estações da linha e depois de pagar todos devolve-os e declara que está disposto a pagar todas as sobretaxas que a pequerrucha exigir.

E' claro que os passageiros não obteem senão sorrisos e bons modos, mas esportulam-os sem relutancia, que é o que a Companhia pretende.

Caso singular: os bilhetes que teem mais procura são os de Caminha. Porque será?

Oferta

Por mo'ivo da visita da sabia «Madame» Curie aos Estados-Unidos, um grupo de admiradoras americanas vai oferecer-lhe...

—Um collar de perolas?

—Um corte de seda?

—Qualquer joia, emfim?

Nada d'isso: vai oferecer-lhe — um grama de radio.

Ora, por aqui se vê o espirito pratico dos americanos: dar a cada um aquilo que m'lhôr lhe convem. Aos medicos, por exemplo, uma seringa; a um militar, um fr. squinho de gazes asfixiantes; a um juiz, um reu em tamanho natural; a um poeta, um dicionario de rimas, etc.

Torre de Chifre**Esperanças**

Não sei se deva esperar
 Em vista do que me dizes;
 Espera a andorinha do ar,
 Esp. ram no s. lo as raizes,
 Esperam as ondas do mar...

Mas tudo isto o que espera
 Que ventura ou que desventura,
 A pobre folhinha de hera,
 A avesinha na espessura
 No seu covil a fera?

A culpa tu a tiveste
 De eu ter esta esperanza;
 Teus olhos d'azul celeste
 Não me disseram bonança,
 Não foi isso o que disseste?

Ai! não me fuja agora!
 Se me quizesse fugir,
 Se te quizesse ir embora
 Porque havias de vir
 Falar-me n'aquella hora?

Volta, vem, o receio
 Podes pôr já de lado;
 Acaba com esse aneio
 Tem dó d'este desgraçado
 Que de tão longe veio!

Não sei se deva esperar,
 Como espera o rouxinol
 A folhinha do pomar
 E os raios ardentes do sol
 Que são como o teu olhar!

Bento L. Silva

Correspondencia

T. S. PALHA.—Porque não experimentamos comer o apelido? E' o que lhe aconselhamos.

Medidas financeiras



— Mas, sr. cobrador, as contribuições de pianos são uma gota a'agua no orçamento!

— Lá dizia o sr. Cunha Leal: «Piano, piano se vá lontano!»